

XII

EXCURSÃO DE ADESTRAMENTO

Nosso orientador sediara-nos a tarefa na Casa Transitória de Fabiano, deliberando, porém, que as nossas atividades na Crosta tomassem como ponto de referência o lar coletivo de Adelaide, onde, realmente, os fatores espirituais eram mais valiosos.

— Aqui — esclarecera-nos de início — nos sentiremos à vontade. A organização é campo propício às melhores sementeiras do espírito e oferece-nos tranquilidade e segurança. Permaneceremos em comunicação contínua com o abrigo de Fabiano, para onde conduziremos os recém-desencarnados e condensaremos todas as atividades possíveis, concernentes aos outros amigos, nesta amorosa fundação.

De fato, aquele refúgio de fraternidade legítima era, sem dúvida, vasto celeiro de bênçãos.

Diversas entidades amigas operavam na instituição, prestando assistência e cuidados. Encontrava ali um dos raros edifícios da Crosta, de tão largas proporções, sem criaturas perversas da esfera invisível.

Semelhando-se à Casa Transitória, de onde vínhamos, a vigilância funcionava severa.

Fôramos defrontados por vários sofredores, criaturas de bons sentimentos, que penetravam o asilo com prévia autorização.

Enquanto o Assistente se demorava em palestra com o dedicado Bezerra, tivemos permissão para visitar as dependências.

O padre Hipólito, Luciana e eu, em companhia de Irene, jovem colaboradora espiritual da casa, pusemo-nos em ação.

Em todos os compartimentos havia luz de nosso plano, indicando a abundância dos pensamentos salutarres e construtivos de todas as mentes que ali se entrelaçavam na mesma comunhão de ideal.

Chegados à sala das reuniões populares, nossa nova amiguinha explicou:

— Esta é a região do abrigo que nos força a serviço mais árduo. Receptáculo das emanções mentais e dos pedidos silenciosos de toda gente que nos visita, em assembleias públicas, depois de cada sessão, somos obrigados a minuciosas atividades de limpeza. Como sabem, os pensamentos exercem vigoroso contágio e faz-se imprescindível isolar os prestimosos colaboradores de nossa tarefa, livrando-os de certos princípios destruidores ou dissolventes.

Tentando intensificar a conversação esclarecedora, aduzi:

— Calculo a extensão dos afazeres... Há suficiente pessoal na cooperação?

— Sim — respondeu — a legião dos colaboradores não é pequena. Somos levados a servir, dia e noite, em turmas alternadas. Temos seções de assistência aos adultos e às criancinhas.

Vislumbrava ali, porém, tão grande número de trabalhadores de nosso plano que, por momentos, graves reflexões me afloraram ao cérebro. Tanta gente a contribuir, apenas no sentido de amparar algumas dezenas de crianças desfavorecidas no campo material? Estabelecia paralelo entre a fundação de Adelaide e a Casa Transitória de Fabiano, notando singular diferença. Lá, os rigorosos serviços de sentinela, o gesto de energia, a atenção do pessoal, verificavam-se em virtude das necessidades inadiáveis de certa quantidade de infelizes desencarnados, para os quais a caridade constituía lâmpada acesa, indispensável à transformação in-

terior. Aqui, porém, via somente criaturinhas tenras que reclamavam de imediato, acima de qualquer outra medida, leite e pão, primeiras letras e bons conselhos. Valeria, assim, o dispêndio de tanta energia de nossa esfera?

Mesmo assim, a delicada colaboradora, apreendendo-me as indagações íntimas, ponderou:

— Cumpre-nos reconhecer, todavia, que esta obra não se dedica exclusivamente às necessidades do estômago e do intelecto da infância desamparada. Os imperativos da evangelização preponderam aqui sobre os demais. Para infundir espiritualidade superior à mente humana urge aproveitar realizações como esta, já que é muito difícil obter espontâneo arejamento da esfera sentimental. Valem-nos da casa, venerável em seus fundamentos de solidariedade cristã, como núcleo difusor de ideias salutares. A fundação é muito mais de almas que de corpos, muito mais de pensamentos eternos que de coisas transitórias. O diretor, o cooperador e o abrigado, recebendo as responsabilidades inerentes ao programa de Jesus, instintivamente se convertem nos instrumentos vivos da Luz de Mais Alto. Satisfazendo necessidades corporais, solucionamos problemas espirituais. Entrelaçando deveres e dividindo-os com os nossos irmãos encarnados, no setor de assistência, conseguimos criar bases mais sólidas à sementeira das verdades imorredouras. Realmente, as outras escolas religiosas não se esqueceram de materializar a bondade em obras de alvenaria. A Igreja Católica-Romana dispõe de institutos avançados, sob o ponto de vista material, abrigando a infância desfavorecida; entretanto, aí, as concepções espirituais não se desenvolvem, acanhadas que ficam nos moldes tirânicos dos dogmas obsoletos. O trabalho, pois, na maioria dos casos, circunscreve-se ao simples armazenamento de pão efêmero. As Igrejas Protestantes possuem, por sua vez, grandes colégios e congregações, distribuindo valores educativos com a ju-

ventude; todavia, suas organizações se baseiam, quase sempre, mais na letra dos conceitos evangélicos que nos conceitos evangélicos da letra...

Irene sorriu, fez ligeiro intervalo e continuou:

— Não desejamos menosprezar os serviços admiráveis dos aprendizes do Evangelho nos variados campos religiosos. Todos são respeitáveis, se levados a efeito pelo devotamento do coração. Desejamos apenas destacar os valores iluminativos. Nos primórdios da obra cristã, não faltavam prestigiosas providências da política imperial de Roma, a fim de que os famintos e esfarrapados recebessem trigo e agasalho e até mesmo preceptores seletos, filiados a famosos centros culturais de gregos e egípcios. Porém, no intuito de incentivar a obra de legítima iluminação do Espírito, Simão Pedro e os companheiros de apostolado obrigaram-se a longo programa de socorro aos infortunados de toda sorte. Nem todos os seguidores do Evangelho procediam das altas camadas sociais do Judaísmo, como Gamaliel, o venerando rabino que encontrou o Mestre pelo intelecto desenvolvido. A maioria dos necessitados entraria em contacto com Jesus através da sopa humilde ou do teto acolhedor. Lavando leprosos, tratando loucos, assistindo órfãos e velhinhos desamparados, os continuadores do Cristo davam trabalho a si próprios, dedicavam-se aos infelizes, esclarecendo-lhes a mente, e ofereciam lições de substancial interesse aos leigos da fé viva. Como não ignoram, estamos fazendo no Espiritismo evangélico a recapitulação do Cristianismo.

O padre Hipólito aprovou, benévolo:

— Sim, inegavelmente; precisamos estimular a formação de serviços que libertem o raciocínio para vãos mais altos.

— Dentro de nosso esforço — prosseguiu Irene, com lhanza — o imperativo primordial consiste na iluminação do espírito humano com vistas à eternidade. Urge, no entanto, compreender que,

para a obtenção do desiderato, é imprescindível "fazer alguma coisa". Onde todos analisam, admiram ou discutem não se levantam obras úteis para atestar a superioridade das ideias. Por isso, nossos Mentores da Vida Divina apreciam o servo pela dedicação que manifeste à responsabilidade. O necessitado, o beneficiário, o crente e o investigador virão sempre aos nossos centros de organização da doutrina. E toda vez que exercitem o serviço cristão pela mediunidade ativa, pela assistência fraterna, pelos trabalhos de solidariedade comum, quaisquer que sejam, apresentam caracteres mais positivos de renovação, porque a responsabilidade na realização do bem, voluntariamente aceita, transforma-os em traços animados entre dois mundos — o que dá e o que recebe. Como vêem, a luz divina prevalece sobre a benemerência humana, porque esta, sem aquela, pode muitas vezes degenerar em personalismo devastador, compreendendo-se, todavia, em qualquer tempo, que a fé sem obras é irmã das obras sem fé.

Continuou Irene, em sua brilhante argumentação, ensinando-nos, vivaz, a ciência da fraternidade e do entendimento construtivo. Ouvindo-a, percebi, acima de toda preocupação individualista, que a difusão da luz espiritual na Crosta Terrestre não é ação milagrosa mas edificação paciente e progressiva.

As casas de benemerência social, sobre as águas pesadas do pensamento humano, funcionam como grandes navios de abastecimento à coletividade faminta de luz e necessitada de princípios renovadores. Passei a ver o estômago dos pequeninos em plano secundário, porque era a claridade positiva do Evangelho que inundava agora minha alma, convidando-me à contemplação feliz do futuro maior.

Caíra a noite e continuávamos em companhia da estimada irmã que nos apresentava a instituição, comentando-lhe, com oportunidade e sabedoria, o salutar programa.

Observamos os serviços espirituais que se preparavam, ante a noite próxima.

Aqui, eram cuidadosas preceptoras desencarnadas que reuniam as crianças nos momentos de sono físico, em ensinamentos benéficos; acolá, eram benfeitores diversos a buscarem irmãos para experiências e dádivas preciosas, nos círculos de nossa movimentação.

Refundi minha apreciação inicial, enxergando mais uma vez, naquele instituto, abençoada escola de espiritualidade superior, pelo ensejo de sementeira divina que proporcionava aos missionários da luz.

Decorrido longo tempo, já noite fechada, o Assistente Jerônimo convocou-nos ao serviço.

Irene acompanhou-nos à câmara de Adelaide, onde o nosso dirigente se encontrava em conversação com outros amigos.

Foi breve nas determinações.

Após ouvir a nova amiguinha, que se colocava à nossa disposição para qualquer concurso fraterno, recomendou a Luciana e Irene trouxessem a irmã Albina, ao passo que o padre Hipólito e eu deveríamos conduzir Dimas, Fábio e Cavalcante àquele compartimento, de onde seguiríamos para a Casa Transitória de Fabiano, em excursão de aprendizado e adestramento.

Ambos os grupos partimos em direção diversa.

Utilizando a volição, com maestria, Hipólito interrogou-me, bem humorado:

— Já participara você de serviço igual ao de hoje?

Confessei que não, rogando-lhe esclarecimento.

— E' fácil — tornou — os que se aproximam da desencarnação, nas moléstias prolongadas, comumente se ausentam do corpo, em ação quase mecânica. Os familiares terrestres, por sua vez, cansados de vigílias, tudo fazem por rodear os enfermos de silêncio e cuidado. Desse modo, não é difícil afastá-los para a tarefa de preparação. Ge-

ralmente, estão hesitantes, enfraquecidos, semi-inconscientes, mas nosso auxílio magnético resolverá o problema. Conservar-nos-emos nas extremidades, segurando-lhes as mãos e, impulsionados por nossa energia, volitarão conosco, sem maiores impedimentos.

Recebi a explicação com interesse e, em breve, penetrávamos a modesta residência de Dimas. Aliviado por injeção repousante, não encontramos dificuldade para subtraí-lo à atenção dos parentes.

Notando-nos a presença, sondou-nos a disposição fraterna e perguntou:

— O' meus amigos! será hoje o fim? como tenho suspirado pela libertação!...

— Não, meu caro — acentuou Hipólito, sorrindo — é preciso tolerar mais um pouco... O descanso, porém, não tardará muito. Venha conosco. Não temos tempo a perder.

O ex-sacerdote recomendou-me tomar a dianteira e, de mãos dadas os três, rumámos para o Rio, em busca da moradia de Fábio.

Não se registaram obstáculos e, em reduzidos instantes, tomamo-lo à nossa conta.

O companheiro ligou-se, prazeroso, à pequenina caravana.

Ia tomar o caminho do hospital, de modo a procurar o terceiro, quando Hipólito ponderou:

— Não convém conduzir todos de uma vez. Cavalcante permanece em grave desequilíbrio, exigindo cooperação mais substancial. Em vista disso, buscá-lo-emos na segunda viagem.

Lembrando-lhe os desvarios, não tive recurso senão concordar.

De regresso à câmara de Adelaide, encontramos os demais à nossa espera. Irene e Luciana haviam trazido Albina para os trabalhos preparatórios.

Sem perda de tempo, demandamos a grande casa de saúde, em busca de Cavalcante.

Hipólito adivinhara.

O doente mostrava-se muito aflito. Bonifácio, ao lado dele, cooperava devotadamente conosco, para desprendê-lo temporariamente do corpo oprimido. O enfermo, no entanto, se deixara tomar por horríveis impressões de medo, dificultando os nossos melhores esforços.

Após trabalho ingente de magnetização do vago e em seguida à ministração de certos agentes anestésicos, destinados a propiciar-lhe brando sono, retiramo-lo do corpo, que permaneceu sob os cuidados de Bonifácio.

Em minutos rápidos, púnhamo-nos de regresso.

Com aquiescência de Jerônimo, alguns amigos dos enfermos acompanhar-nos-iam à Casa Transitória. Dos cinco doentes, Adelaide e Fábio eram os únicos que revelavam consciência mais nítida da situação. Os demais titubeavam, enfraquecidos, baldos de noção clara do que ocorria.

O Assistente organizou a corrente magnética, tomando posição guiadora. Cada irmão encarnado localizava-se entre dois de nós outros, almas libertas do plano físico, mais experimentados no campo espiritual. De mãos entrelaçadas, para permutar energias em assistência mútua, utilizámos intensivamente a volição, ganhando alturas. Adelaide e Fábio, algo habituados ao desdobramento, assumiram discreta atitude de observação e silêncio. Os outros, porém, comentavam o acontecimento em altos brados.

— O' grande Deus! — exclamava Albina, relembrando passagens bíblicas — estaremos nós no glorioso carro de Elias?

— Dai-me forças, ó Pai de Misericórdia! — expressava-se Cavalcante, de alma opressa — falta-me a confissão geral! Ainda não recebi o Viático! Oh! não me deixeis enfrentar os vossos juízos com a consciência mergulhada no mal!...

Suas rogativas sensibilizavam-nos os corações.

Dimas, por sua vez, balbuciava exclamações ininteligíveis, entre o assombro e a inquietude.

Atravessada a região estratosférica, a ionosfera surgia-nos à vista, apresentando enorme diferença, por causa do afluxo intenso dos raios cósmicos em combinação com as emanções lunares.

Espantado, Dimas perguntou em voz alta:

— Que rio é este? Ah! tenho medo! não posso atravessá-lo, não posso, não posso!...

O impulso magnético inicial fornecido por Jerônimo era, no entanto, excessivamente forte para sofrer solução de continuidade, ante tão débil resistência; e o grupo avançou, avançou sem recuos, até que, muito além, alcançámos o asilo de Fabiano, onde a Irmã Zenóbia nos acolheu de braços carinhosos.

Congregávamo-nos todos nós os componentes da missão socorrista — os enfermos e mais seis amigos desses últimos, detentores de elevados conhecimentos.

Em pequena sala posta à nossa disposição, Gotuzo, por gentileza, aplicou vigorosos recursos fluidicos em nossos tutelados, que os receberam como crianças incapacitadas de imediato julgamento, exceção de Adelaide e Fábio, que se mantinham cômicos do fenômeno.

Em seguida, o prestimoso Jerônimo tomou a palavra e dirigiu-se a eles, comentando:

— Amigos, o concurso desta noite não se destina à cura do corpo grosseiro, posto agora a distância pelas necessidades do momento. Tentamos revigorar-vos o organismo espiritual, preparando-vos o desligamento definitivo, sem alarmes de dor alucinatória. Devo confessar-vos que, retomando o vaso físico, experimentareis natural piora de vossas sensações, agravando-se-vos a tortura, porque os remédios para a alma, na presente situação, intensificam os males da carne. Certificai-vos, portanto, de que as providências desta hora constituem ajuda efetiva à libertação. De retorno ao antigo ninho doméstico, encerrada esta primeira excursão de adestramento, encontrareis mais tristeza no ter-

reno da Crosta, mais angústia nas células físicas, mais inquietude no coração, porque a vossa mente, no processo das recordações instintivas, terá fixado, com maior ou menor intensidade, o contentamento sublime deste instante. Preparai-vos, pois, para vir até nós; solucionai os derradeiros problemas terrestres e confiai na Proteção Divina!

Logo após, verificou-se breve intervalo, durante o qual permaneceríamos à vontade.

O Assistente fora rápido nas explicações, esclarecendo-nos que condensava os assuntos em curtas sentenças, atendendo à incapacidade mental dos beneficiários, impotentes ainda para penetrar o sentido das longas dissertações. Com efeito, os companheiros recebiam parcialmente o alentador aviso. Eram atingidos pelo socorro magnético positivo, mas as ideias que faziam do acontecimento eram muito diversas entre si.

Cavalcante, com a expressão ingênua dum menino, chamou-me, em particular, indagando se estávamos no paraíso. Sentia-se aliviado, feliz. Alegria enorme banhava-lhe o coração. E, contente, reconfortado, acentuava:

— Não será aqui o céu?

Não consegui fazer-lhe sentir o contrário.

Albina lembrava cenas bíblicas, em suas interpretações literais do texto sagrado. Depois de fixar o nevoeiro exterior, circunspecta, perguntou à Luciana se aquela era a casa do Senhor, mencionada no capítulo oitavo do primeiro livro dos Reis, em vista da nuvem de matéria densa que cercava a paisagem.

Dentre os espiritistas, Adelaide e Fábio entregavam-se à reserva feliz da oração, mas Dimas, embriagado de felicidade pelo provisório alívio, abeirou-se, curioso, do padre Hipólito e inquiriu se a zona representava alguma dependência venturosa de Marte. O ex-sacerdote esboçou largo sorriso e respondeu, complacente:

— Não, meu amigo, isto aqui ainda é a Terra mesma. Estamos muito longe dos outros planetas...

Trocámos inteligente olhar, que traduzia bom humor. Antes de nossas considerações talvez desnecessárias, Jerônimo interveio, acrescentando:

— O plano impressivo da mente grava as imagens dos preconceitos e dogmas religiosos com singular consistência. A transformação compulsória, pelo decesso, reintegrará a criatura no patrimônio de suas faculdades superiores. O trabalho, porém, não pode ser brusco, sob pena de ocasionar desastres emocionais de graves consequências. Urge considerar a necessidade da medida, da gradação.

E, fitando-nos mais agudamente, prosseguiu:

— Há, contudo, observação valiosa a destacar. Como vemos, não é a rotulagem externa que socorre o crente nas supremas horas evolutivas. É justamente a sementeira do esforço próprio, nos serviços da sabedoria e do amor, que frutifica, no instante oportuno, através de providências intercessórias ou de compensações espontâneas da lei que manda entregar as respostas do Céu "a cada um por suas obras". Todo lugar do Universo, portanto, pode ser convertido em santuário de luz eterna, desde que a execução dos Divinos Desígnios seja a alegria de nossa própria vontade.

Finda a colheita de preciosos ensinamentos, começámos a regressar, terminando, assim, a nossa feliz excursão.

Devolvendo os enfermos aos leitos de origem, verificámos as impressões diferentes de cada um. Fábio demonstrava infinito conforto no campo íntimo. Cavalcante acordou, no organismo de carne, pensando em recorrer à eucaristia pela manhã, e Dimas, ao despertar, junto de nós, chamou a esposa e afirmou em voz fraca:

— Oh! como foi maravilhoso meu sonho de agora! Vi-me à beira de rio caudaloso e brilhante, que atravesssei com o auxílio de benfeitores invi-

síveis, chegando, em seguida, a grande casa, cheia de luz!

Pousou a descarnada mão na testa húmida, e exclamou:

— Ah! como desejaria lembrar-me de tudo! Tenho a impressão de que visitei um mundo feliz, recebendo ensinamentos de grande significação, mas... a cabeça falha!...

A companheira tranquilizou-o, exortando-o a dormir.

Realizara-se a primeira excursão de adestramento com os amigos, que, dentro em breve, viriam ter conosco.

Congregados, de novo, na abençoada instituição de Adelaide, deliberou Jerônimo nosso retorno à Casa Transitória de Fabiano, para descansar e servir em outros setores, toda vez que a oportunidade de trabalho útil nos bafejasse com a sua bênção.